

CONCÍLIO DE NICÉIA E A CONSTRUÇÃO DO CRISTIANISMO



Roberto Aguilar M. S. Silva

Membro Vitalício da Academia Maçônica de Letras
de Mato Grosso do Sul, Brasil

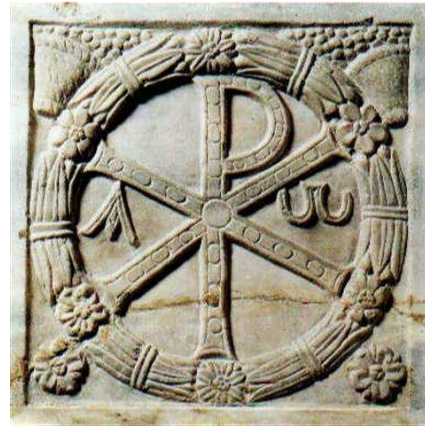
CONCÍLIO DE NICÉIA E A CONSTRUÇÃO DO CRISTIANISMO

Roberto Aguilar M. S. Silva
Membro Vitalício da Academia Maçônica de Letras
de Mato Grosso do Sul, Brasil

Cristianismo primitivo

Cristianismo primitivo (também chamada de Era Apostólica) é o nome dado a uma etapa da história do cristianismo que se inicia após a morte de Jesus e termina em 325 com a celebração do Primeiro Concílio de Niceia. Do ponto de vista historiográfico é praticamente impossível reconstituir com clareza a realidade dos primeiros povos cristãos, uma vez que os documentos são raros, contraditórios e limitados. O cristianismo primitivo é tido como um modelo exemplar, e foi um dos principais temas de debates responsáveis por levar às cisões heréticas na Idade Média e na Idade Moderna. Podemos dividir a história do cristianismo primitivo em duas fases: a primeira, que vai da ressurreição (ano 30 d.C.) ao século II, quando o Cristianismo começou a se expandir, e do século III ao ano de 325, quando o Cristianismo se torna religião oficial do Império Romano.

O cristianismo passou a se diferenciar marcadamente do judaísmo quando, por volta do ano de 90, surgiu o judaísmo rabínico. termo "religião das catacumbas" foi utilizado para caracterizar a perseguição dos cristãos durante os impérios de Nero, Tito, Domiciano, etc. embora saiba-se hoje que essa perseguição foi, ao contrário do que dizia a tradição, tênue e asistemática. Pedro e Paulo provavelmente morreram durante as primeiras perseguições, mas pouco se sabe sobre isso. Durante essa época, símbolos cristãos foram desenvolvidos para comunicar secretamente as questões da fé. As conversões eram realizadas nas cidades, e o termo pagão, derivado do latim *paganus* (camponês), é provavelmente derivado do fato de que a maior parte dos não convertidos durante o auge da difusão cristã eram os camponeses. Impedidos de professar a fé abertamente, os cristãos serviam-se de símbolos, que pintavam nas paredes das catacumbas e, com mais freqüência, gravavam nas placas de mármore que lacravam as sepulturas.



Símbolos cristãos primitivos.

Alfa e ômega : a primeira e a última letra do alfabeto grego, significam a eternidade de Deus ou Cristo, início e fim de todas as coisas;
 Monograma de Cristo - formado por duas letras do alfabeto grego, o X (qui) e o P (rô), entrelaçados. São as duas primeiras letras da palavra grega "Christòs", isto é, Cristo. O monograma, colocado numa sepultura, indicava que o defunto era cristão;

Primeiro Concílio de Niceia

O Primeiro Concílio de Niceia ocorreu em 325, durante o reinado do imperador romano Constantino I, o primeiro a aderir ao cristianismo. Considerado como o primeiro dos três concílios fundamentais na Igreja Católica, foi a primeira conferência de bispos ecumênica (do Grego *oikumene*, "mundial") da Igreja cristã. Lidou com questões levantadas pela opinião Ariana da natureza de Jesus Cristo: se uma Pessoa com duas naturezas (humana e Divina) como zelava até então a ortodoxia ou uma Pessoa com apenas a natureza humana.

Jesus Cristo uma pessoa com apenas a natureza humana

O arianismo foi uma visão Cristológica sustentada pelos seguidores de Arius nos primeiros tempos da Igreja primitiva, que negava a existência da consubstancialidade entre Jesus e Deus, que os igualasse, fazendo do Cristo pré-existente uma criatura, embora a primeira e mais excelsa de todas, que encarnara em Jesus de Nazaré. Jesus então, seria subordinado a Deus, e não o próprio Deus. Segundo Ário só existe um Deus e Jesus é seu filho e não o próprio.

Uma carta de Auxentius, um bispo de Milão do século IV, referindo-se ao missionário Ulfila, apresentou uma descrição clara da teologia ariana sobre a

Divindade: Deus, o Pai, nascido antes do tempo e Criador do mundo era separado de um Deus menor, o Logos, Filho único de Deus (Cristo) criado pelo Pai.

Vendo que as disputas entre os cristãos poderiam causar uma ruptura interna no Império, Constantino determinou que o arianismo estava errado, que este era uma heresia, julgando assim contribuir para manter a coesão política do império, embora mais tarde viesse a aderir a ele, tendo sido batizado por um bispo ariano antes de morrer.

A um certo ponto do conflito, o Arianismo teve influência na família do imperador e nobreza imperial, e porque Ulfila, (missionário enviado pelo Imperador Romano do Oriente) foi o apóstolo dos Godos, convertendo-os ao cristianismo sob a forma ariana. Os Ostrogodos e Visigodos chegaram à Europa ocidental já cristianizados, mas arianos.

Niceia (hoje İzmit), é uma cidade da Anatólia (hoje parte da Turquia). No verão de 325, os bispos de todas as províncias foram chamados ao primeiro concílio ecumênico em Niceia: um lugar facilmente acessível à maioria dos bispos, especialmente aos da Ásia, Síria, Palestina, Egito, Grécia, Trácia e Egrisi (Geórgia ocidental). O número dos membros não pode exatamente ser indicado; Atanásio contou 318, Eusébio somente 250. Foram oferecidas aos bispos as comodidades do sistema de transporte imperial - livre transporte e alojamento de e para o local da conferência - para encorajar a maior audiência possível. Constantino abriu formalmente a sessão.

A religião cristã nesses tempos era majoritária unicamente no Oriente. No Ocidente era ainda minoritária, especialmente entre os pagãos, vilas rústicas. Daí o nome de pagãos para os gentios. Uma exceção era a região de Cartago ou Túnis. Portanto, os bispos orientais estavam em maioria; na primeira linha de influência hierárquica estavam três arcebispos: Alexandre de Alexandria, Eustáquio de Antioquia, e Macário de Jerusalém, bem como Eusébio de Nicomédia e Eusébio de Cesareia. Entre os bispos encontravam-se Stratofilus, Bispo de Pitiunt (Bichvinta, reino de Egrisi).

A questão ariana como um obstáculo às pretensões de Constantino

A questão ariana representava um grande obstáculo à realização da ideia de Constantino de um império universal, que deveria ser alcançado com a ajuda da uniformidade da adoração divina à realização da ideia de Constantino de um império universal, que deveria ser alcançado com a ajuda da uniformidade da adoração divina. Desde Lúcio Domício Aureliano (270 - 275 d.C), os Imperadores tinham abandonado a unidade religiosa, com a renúncia de Aureliano a seus "direitos divinos", em 274. Porém, Constantino, estadista

sagaz que era, inverteu a política vigente, passando, da perseguição aos cristãos, à promoção do Cristianismo, vislumbrando a oportunidade de relançar, através da Igreja, a unidade religiosa do seu Império. Contudo, durante todo o seu regime, não abriu mão de sua condição de sumo-sacerdote do culto pagão ao "Sol Invictus". Tinha um conhecimento rudimentar da doutrina cristã e suas intervenções em matéria religiosa visavam, a princípio, fortalecer a monarquia do seu governo.



Imperador Constantino

Deus Sol Invictus

Sol Invictus (Sol Invicto, em latim), também conhecido pelo nome completo, Deus Sol Invicto (*Deus Sol Invictus*), era um título religioso que foi aplicado a três divindades distintas durante o Império Romano tardio. O título foi introduzido pelo Imperador Heliogabalo, durante a sua tentativa abortada de impor um deus *Elagabalo Sol Invicto*, o deus sol da sua cidade natal Emesa na Síria. Com a morte do imperador em 222 d.C., contudo, o seu culto esvaneceu-se. Em segundo instante, o título *invictus* ("invicto") foi aplicado a Mitra em inscrições de devotos. Finalmente, o imperador Aureliano introduziu um culto oficial do Sol Invicto em 270 d.C., fazendo do Deus Sol, a primeira divindade do império. Contudo não oficialmente identificado com Mitras, o Sol de Aureliano tem muitas características próprias do Mitraísmo, incluindo a representação iconográfica do deus com juventude sem barba. O culto de Sol Invicto continuou a ser uma base do paganismo oficial até ao triunfo da cristandade - antes da sua conversão, até o jovem imperador Constantino tinha o Sol Invicto como a sua cunhagem oficial.

Deus Mitra

Mitra pertence às mitologias persa, indiana e romana. Na Índia e Pérsia representava a luz (deus solar). Representava também o bem e a libertação da matéria. Chamavam-na de “Sol Vencedor”. O culto de Mitra chegou à Europa onde se manteve até o século III. Em Roma, foi culto de alguns imperadores, denominado Protetor do Império. Mitraísmo foi-se espalhando para Ocidente e chegou ao Império Romano em meados do século I a.C., onde lhe foi acrescentado o mito cósmico do sacrifício de um touro e se tornou um culto de legionários que procuravam a proteção dos deuses nos campos de batalha ou no além; daí que, em 303 A. D., o imperador Diocleciano (245-313), antigo militar, tenha declarado o deus Mitra *Sol Invictus*, Protetor do Império Romano.

Foi com esta religião que as primitivas igrejas tiveram de se defrontar, o que não terá sido difícil porque, em boa verdade, o Cristianismo já existia muito antes da vinda do Cristo, conforme nos assegura Santo Agostinho (354-430), em *As Retratações* (428): (...)o que hoje se denomina religião cristã existia na antiguidade e desde a origem do gênero humano até que Cristo se encarnou, e é dele que a verdadeira religião que já existia começou a chamar-se cristã (...)Assim, as novas igrejas adotaram, com naturalidade, muitas das crenças, mitos e práticas ritualistas do Mitraísmo, até que nos finais do século IV se tornaram suficientemente fortes para substituir Mitra por Jesus Cristo. O imperador pagão Constantino, o Grande (c. 280-337), o qual, apesar de se ter convertido à nova fé apenas no leito de morte, promulgou em 313 o Édito de Milão reconhecendo o Cristianismo como uma das religiões autorizadas no Império Romano, e em 325 convocou o primeiro concílio ecumênico, em Nicéia, onde foram tomadas decisões fundamentais. O “golpe de misericórdia” no deus persa foi desferido em 380 por Teodósio, o Grande (c. 346-395), ao elevar o Cristianismo a religião oficial do Império Romano e estabelecer a pena de morte aos seguidores das seitas heréticas extremistas.



O deus Mitra.

Algumas peculiaridades do mitraísmo foram agregadas a outras religiões, como o cristianismo. Por exemplo, desde a antigüidade, o nascimento de Mitra era celebrado em 25 de dezembro.

A religião mitraica tinha raízes no dualismo zoroástrico (oposição entre bem e mal, espírito e matéria) e nos cultos helenísticos Mitra passou a ser um deus do bem criador da luz e em luta constante contra a divindade obscura do mal. Seu culto estava associado a uma existência futura e espiritual, completamente libertada da matéria.

A celebração do Natal Cristão em 25 de dezembro surgiu por paralelo com as solenidades do Deus Mitra, cujo nascimento era comemorado no Solstício (de inverno no hemisfério norte e de verão no hemisfério sul). Os romanos comemoravam na madrugada de 24 de dezembro o "Nascimento do Invicto" como alusão do alvorecer de um novo sol, com o nascimento do Menino Mitra. Já foram encontradas figuras do pequeno Mitra em Treveris e a semelhança com as representações cristãs do Menino Jesus são incontestáveis. Isso demonstra um claro sincretismo, onde o mitraísmo foi fonte e o cristianismo o destino. conceituação de Deus como um sol, não somente por causa da facilidade com que esta alegoria se aplica a Deus, mas ainda porque os cristãos já a encontraram pronta nos cultos em seu em torno, e o mantiveram a interesse, como forma de solidificar um estado forte.

Mitra, um deus solar, salvador do mundo, nascido no solstício do Inverno de uma mãe virgem e crucificado no equinócio da Primavera e ressuscitado ao terceiro dia.

O Concílio

O concílio foi aberto formalmente a 20 de maio, na estrutura central do palácio imperial, ocupando-se com discussões preparatórias na questão ariana, em que Arius, com alguns seguidores, em especial Eusébio de Nicomédia, Teógnis de Nice, e Maris de Chalcedon, parecem ter sido os principais líderes; as sessões regulares, no entanto, começaram somente com a chegada do imperador. O imperador abriu a sessão na condição de presidente de honra e, depois, assistiu às sessões posteriores, mas a direção das discussões teológicas ficou com as autoridades eclesiásticas do Concílio. Nem Eusébio de Cesárea, Sócrates, Sozomenes, Rufino e Gelásio de Cícico, proporcionam detalhes das discussões teológicas. Rufino nos diz tão somente que se celebraram sessões diárias, as opiniões de Ario eram escutadas e discutidas

com seriedade, apesar que a maioria se declarava energicamente contra suas doutrinas.

No início os arianos e os ortodoxos mostraram-se incondescendentes entre si. Os arianos confiaram a representação de seus interesses a Eusébio de Cesareia, cujo nível e a eloquência fez uma boa impressão perante o imperador. A sua leitura da confissão dos arianos provocou uma tempestade de raiva entre os oponentes. No seu interesse, assim como para sua própria causa, Eusébio, depois de ter cessado de representar os arianos, apareceu como um mediador. Apresentou o símbolo (credo) baptismal de Cesareia que acabou por se tornar a base do Credo niceno. A votação final, quanto ao reconhecimento da divindade de Cristo, foi um total de 300 votos a favor contra 2 desfavoráveis. A doutrina de Ario foi anatematizada e os 2 Bispos que votaram contra e mantiveram sua posição contrariando a posição do Concílio foram exilados pelo imperador. Portanto, a crença na trindade de pessoas Divinas não teve origem na Bíblia, mas no Concílio ou Sínodo de Nicéia, o primeiro concílio ecumênico da história.



Primeiro Concílio de Niceia

Os vinte cânones¹

O Concílio de Niceia estabeleceu 20 cânones, os quais darão seqüência ao Credo. Um breve resumo de seu conteúdo:

- Cânon I - Eunucos podem ser recebidos entre os clérigos, mas não serão aceitos aqueles que se castram.
- Cânon II - Referente a não promoção imediata ao presbiterato daqueles que provieram do paganismo.
- Cânon III - Nenhum deles deverá ter uma mulher em sua causa, exceto sua mãe, irmã e pessoas totalmente acima de suspeita.
- Cânon IV - Relativo a escolha dos Bispos.
- Cânon V - Relativo a excomunhão.
- Cânon VI – Relativo aos patriarcas e sua jurisdição.
- Cânon VII - O Bispo de Jerusalém seja honorificado, preservando-se intactos os direitos da Metrópole.
- Cânon VIII - Refere-se aos novacianos.
- Cânon IX - Quem quer que for ordenado sem exame deverá ser deposto, se depois vier a ser descoberto que foi culpado de crime.
- Cânon X - Alguém que apostatou deve ser deposto, tivessem ou não consciência de sua culpa os que o ordenaram.
- Cânon XI – Penitência que deve ser imposta aos apóstatas na perseguição de Licínio.
- Cânon XII - Penitência que deve ser feita àqueles que apoiaram Licínio na sua guerra contra os cristãos.
- Cânon XIII - Indulgência que deve ser dada aos moribundos.
- Cânon XIV – Penitência que deve ser imposta aos catecúmenos que caíram em apostasia.

¹ O termo deriva da palavra grega "kanon" que designava uma espécie de vara com funções de instrumento de medida; mais tarde o seu significado evoluiu para o de padrão ou modelo a aplicar como norma. É no século IV que encontramos a primeira utilização generalizada de cânone, num sentido reconhecidamente afim ao etimológico: trata-se da lista de Livros Sagrados que a Igreja cristã homologou como transmitindo a palavra de Deus, logo representado a verdade e a lei que deve alicerçar a fé e reger o comportamento da comunidade de crentes. Após a rejeição de certos livros denominados apócrifos, o cânone bíblico tornou-se fechado, inalterável, distinguindo-se neste aspecto do outro referente do cânone teológico, o conjunto de Santos Padres a que a Igreja Católica periodicamente acrescenta novos indivíduos através de um processo chamado canonização. Importante para a história posterior do conceito é, pois, a idéia de que canônica é uma seleção (materializada numa lista) de textos e/ou indivíduos adotados como lei por uma comunidade e que lhe permitem a produção e reprodução de valores (normalmente ditos universais) e a imposição de critérios de medida que lhe possibilitem, num movimento de inclusão/exclusão, distinguir o legítimo do marginal, do heterodoxo, do herético ou do proibido. Neste sentido, torna-se claro que um cânone veicula o discurso normativo e dominante num determinado contexto, teológico ou outro, e é isso que subjaz a expressões como "o cânone aristotélico", "cânones da crítica", etc.

- Cânon XV - Bispos, presbíteros e diáconos não se transferirão de cidade para cidade, mas deverão ser reconduzidos, se tentarem fazê-lo, para a igreja para a qual foram ordenados.
- Cânon XVI - Os presbíteros ou diáconos que desertarem de sua própria igreja não devem ser admitidos em outra, mas devem ser devolvidos à sua própria diocese. A ordenação deve ser cancelada se algum bispo ordenar alguém que pertence a outra igreja, sem consentimento do bispo dessa igreja.
- Cânon XVII - Se alguém do clero praticar usura deve ser excluído e deposto.
- Cânon XVIII - Os diáconos devem permanecer dentro de suas atribuições. Não devem administrar a Eucaristia a presbíteros, nem tomá-la antes deles, nem sentar-se entre os presbíteros. Pois que tudo isso é contrário ao cânon e à correta ordem.
- Cânon XIX – As regras a se seguir a respeito dos partidários de Paulo de Samósata que desejam retornar a Igreja.
- Cânon XX - Nos dias do Senhor [refere-se aos domingos] e de Pentecostes, todos devem rezar de pé e não ajoelhados.

Nas atas do Concílio de Niceia, assinadas por todos os bispos participantes, com exceção dos dois seguidores de Ario, constou o texto da seguinte profissão de Fé:

"Cremos em um só Deus, Pai todo poderoso, Criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis; E em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho de Deus, gerado do Pai, unigênito, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial do Pai, por quem todas as coisas foram feitas no céu e na terra, o qual por causa de nós homens e por causa de nossa salvação desceu, se encarnou e se fez homem, sofreu e ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos céus e virá para julgar os vivos e os mortos; E no Espírito Santo. Mas quantos àqueles que dizem: 'existiu quando não era' e 'antes que nascesse não era' e 'foi feito do nada', ou àqueles que afirmam que o Filho de Deus é uma hipóstase ou substância diferente, ou foi criado, ou é sujeito à alteração e mudança, a estes a Igreja Católica anatematiza



Conversão de Constantino

Referencias bibliográficas

ADVENTISTAS. O Concílio de Nicéia, Origem da Crença em Três Deuses. http://www.adventistas.com/marco2002/trindade_niceia.htm. Acesso em 9/Maio/2010.

MONTEIRO, A. Reflexões dum Estudante Rosacruzista. Volume XI - Maria Madalena e o Santo Graal 1- uma análise especulativa de o Código da Vinci. http://antoniomonteiro.centro-rosacruz.net/am_028.htm. Acesso em 9/Maio/2010.

WIKIPÉDIA. Primeiro concilio de Niceia. http://pt.wikipedia.org/wiki/Primeiro_Conc%C3%ADlio_de_Niceia. Acesso em 9/Maio/2010.

WIKIPÉDIA. Cristianismo primitivo http://pt.wikipedia.org/wiki/Cristianismo_primitivo. Acesso em 9/Maio/2010.